

Dra. Elaine Phillips, Introdução à Geografia Histórica: Aula 4 – Planícies e Sefelá

Esta é a Dra. Elaine Phillips apresentando sua primeira aula sobre geografia histórica das planícies e da Sefelá de Israel. A Dra. Phillips e seu marido, Perry, lecionam na Faculdade Universitária de Jerusalém há muitos anos, assim como no Gordon College. Dra. Elaine Phillips.

Continuamos nosso curso de geografia histórica, e uma das coisas que notamos no início da aula introdutória é que esta é a terra entre. Então, o que faremos desta vez é examinar algumas das influências estrangeiras que estão ao redor e que estão tornando a vida um pouco difícil para o povo de Deus enquanto estão estabelecidos nesta terra entre. Quando lemos o Livro da Aliança, descobrimos que Deus usou essas influências e poderes estrangeiros ao redor de Israel quando eles eram desobedientes para levá-los a um estado de disciplina no qual Ele os castigava, e isso tinha como objetivo trazê-los de volta a um relacionamento de aliança com Ele.

Então, hoje vamos analisar algumas dessas influências estrangeiras. Vamos examinar a Sefelá. Analisaremos nossos mapas e, em seguida, iremos para o norte e veremos como a Fenícia trouxe a terrível ameaça do culto a Baal para o reino do norte, em particular.

Analisaremos as ameaças vindas do nordeste, da Síria ou de Aram, como mencionado no texto bíblico, e, finalmente, avançaremos para o período do Novo Testamento e veremos como a Cesareia romana impactou a região, tanto em termos da influência greco-romana quanto por ser o local de onde o evangelho se propagou. Portanto, vamos examinar essas quatro áreas, concentrando-nos nelas, mas antes disso, uma breve revisão. Observamos essa região como ela era, certo? Uma pequena porção aqui, situada entre grandes influências, e descobrimos que ela serviu como campo de provas para a fé do povo de Deus enquanto ali se estabelecia.

Analisando um pouco mais a fundo, vimos que ali estava a região montanhosa onde essas pessoas se estabeleceram. A maioria delas, na verdade, se fixou nessa área, e notamos que Jerusalém fica bem aqui, no meio da região montanhosa, uma área muito mais isolada, o que significa que era muito mais protegida. Além disso, a agricultura era boa, principalmente quando o povo era obediente e Deus derramava chuva sobre eles, proporcionando-lhes uma boa colheita. Todas essas coisas, é claro, eram incertas, e eles viviam em uma região marginal. Portanto, como já dissemos, temos aqui o campo de prova da fé. Olhando para onde vamos a seguir, como já mencionei na introdução, temos algumas áreas que precisamos analisar com mais atenção.

Primeiramente , observemos a planície filisteia naquele oval branco ali embaixo, e depois a região de Sefelá, que fica a leste da planície filisteia. Aqui está a área da planície. Aqui temos as colinas antes de chegarmos à região montanhosa, em particular, e como mencionei, Sefelá é uma palavra hebraica que significa baixo ou reduzido, por assim dizer, e, portanto, refere-se às colinas, às colinas ocidentais desta região montanhosa.

O que se torna é uma zona tampão. Estamos familiarizados com o termo zona tampão, a principal potência na planície costeira, e particularmente no início do assentamento de Israel, essa potência teria sido os filisteus. Eles representavam uma ameaça para as pessoas que estavam alojadas e estabelecidas na região montanhosa, e a zona tampão funciona nos dois sentidos.

Quando o povo de Deus se fortalece, consegue romper essa zona de segurança. Quando os filisteus são fortalecidos, por assim dizer , também conseguem romper essa zona de segurança. Analisaremos também Samaria e, em particular, o reino do norte.

Aqui está Samaria, bem aqui neste quadrado azul. A Fenícia, uma grande potência naquela região, de onde provém o culto a Baal. As cidades de Tiro e Sidom são importantes nesse contexto, e bem no meio delas, temos o Monte Carmelo, e essa será a segunda área principal que vamos analisar.

O terceiro ponto em que nos concentraremos será, como mencionei anteriormente, a Síria, ao nordeste. Eles sempre tentarão controlar a importante cidade de Gileade, uma região remota. Analisaremos isso um pouco mais adiante. Israel, o reino do norte de Israel, tentará defender essa cidade, que será um ponto central. E, como disse há pouco, também nos concentraremos, no período do Novo Testamento e além, na cidade de Cesareia, onde os romanos estabeleceram uma posição ou uma pequena influência na região.

Então, esses são os quatro locais nos quais nos concentraremos ao analisarmos como Israel contesta as influências estrangeiras de uma forma ou de outra. Em primeiro lugar , a planície filisteia e a Sefelá. Aqui está outra visão da nossa área que queremos analisar, e o ponto em que queremos nos concentrar agora são as cinco cidades filisteias.

É muito importante saber isso. Gaza é a primeira cidade, bem ao sul, na planície costeira. Depois temos Ascalão, outra importante cidade filisteia.

Asdode, um pouco no interior, mas ainda assim significativa. Veremos cada uma delas refletida em um conjunto de narrativas importantes que abordaremos. Seguindo mais para o interior, teremos Gate, bem na borda da região das colinas de Sefelá, e, finalmente, a própria Ecrom.

Essas cidades serão mencionadas , como eu disse, em narrativas importantes, e é fundamental que as tenhamos em mente. Observem também, se conseguirem ver o mapa, as linhas vermelhas que atravessam a região, representando os dois ramais da rota internacional que segue por terra. O ramal costeiro passará pelas cidades de Gaza, Ashkelon e Ashdod, e se encontrará com Aphek em um entroncamento.

Falaremos mais sobre isso adiante . Há também o ramo interior que acompanha as encostas das montanhas e, como podemos ver, ele passa por Gate e Ecrom. Cidades importantes para se ter em mente, especialmente as cidades que formavam a pentápole, a liga de cinco cidades dos filisteus.

Um dos aspectos que queremos destacar sobre esta região é que, por ser mais aberta a influências estrangeiras, os filisteus, afinal, são um povo originário da região do Mediterrâneo; são pessoas mais cosmopolitas. São mais ricos, possuem tudo o que supostamente acompanha um nível mais elevado de civilização e cultura e, como veremos, em alguns casos, são atraentes para os israelitas. Vamos analisar Sansão e as narrativas sobre ele, em particular, pois ele é seduzido pela cultura filisteia.

Uma área muito mais cosmopolita, e também mais poderosa, tem a vantagem, como veremos, de possuir armamentos avançados que os israelitas não têm. Pense nisso como uma espécie de choque cultural. Para fazer uma comparação, estamos falando de algo como a região da cidade de Nova York e toda a costa leste, e o que isso representa para as pessoas que vivem nas montanhas de Vermont, New Hampshire ou no interior do estado de Nova York.

Existe um contraste, um contraste cultural. Ao pensarmos nessa região filisteia, obviamente, eles precisavam de meios para chegar às montanhas. Nos dias de hoje, basta entrar em um carro e subir as montanhas, e, aconteça o que acontecer, você chegará lá.

Não era tão fácil assim, pois, de certa forma, essas colinas acidentadas da região montanhosa serviam como uma defesa natural para as pessoas que ali viviam. Havia, portanto, algumas vias que facilitavam o acesso, e essas vias eram uma série de vales que cortavam a área de Sefelá de oeste para leste. Vamos analisá-los com mais detalhes agora. Vocês podem vê-los destacados em amarelo, e vamos nos concentrar nos três mais ao norte, pois serão importantes para algumas das histórias que temos. Em primeiro lugar , temos o Vale de Aijalon, às vezes pronunciado Aijalom, dependendo do texto ou da tradução que você estiver lendo. Vale ressaltar também que ali existem cidades bastante significativas. com relação a cada um desses vales.

Elas servem, de certa forma, como cidades defensivas. Para o Vale de Aijalom, nossa principal cidade é Gezer, e isso será importante em diversas áreas. Não daremos

tanta ênfase a ela em nossas histórias de hoje, mas lembre-se de Gezer enquanto continua a ler o texto bíblico, pois é uma cidade extremamente importante.

Na verdade, funciona como uma espécie de encruzilhada. Se você estiver viajando pela rota internacional que mencionei antes, que vai de norte a sul, subindo e descendo, para chegar à região montanhosa vindo do norte, você fará uma curva em Gezer. Esse se torna o nosso ponto de encontro, e, portanto, temos eventos importantes que acontecem em Gezer.

Na verdade, anos depois do período que abordaremos hoje, quando Salomão assume o reino, uma das cidades que ele fortifica é Gezer, pois ele sabe o quão importante ela é. Portanto, Gezer é importante. Seguindo para o sul, em termos dos nossos vales que servem como rotas de acesso da planície filisteia para a região montanhosa, temos o Vale de Soreque.

Para os nossos propósitos, existem outras cidades importantes aqui também, mas, para nós, vamos destacar as duas cidades de Timna, que fica mais ou menos aqui, e Beit Shemesh, mais ou menos neste local. Timna fica um pouco mais a oeste, e Beit Shemesh, mais a leste. Novamente, haverá duas narrativas que se concentrarão nessas cidades, então vamos prestar atenção nelas.

Eles parecem muito próximos, mas serão mundos à parte em termos de influências culturais. E, finalmente, o terceiro vale em que queremos nos concentrar em nossas narrativas é chamado de Vale de Ela, e a cidade importante que vamos destacar aqui é Azeca, bem ali perto. Novamente, uma narrativa bastante significativa, que conhecemos bem pelas histórias da Escola Dominical, se desenrolará no Vale de Ela, mas é importante observar Azeca. Mais uma vez, as cidades são importantes porque são as que aparecem no texto bíblico e, de certa forma, são os guardiões ou protetores que guiam a jornada do oeste para o leste, em direção à região montanhosa.

Vamos começar nossa primeira narrativa que se desenrola na região da Sefelá. Esta será particularmente interessante porque é a narrativa de Sansão. Sansão recebe muita atenção no livro de Juízes.

Como vocês podem ver, os capítulos 13 a 16 são dedicados a Sansão, e uma das razões para isso, eu diria, é que Sansão será um dos principais confrontadores dos filisteus. Os juízes são levantados por Deus para lidar com ameaças externas, mas os filisteus provavelmente terão um papel de destaque aqui, pois estarão de olho no que acontecerá quando Saul e Davi, em especial, começarem a estabelecer o reino. Será com a ameaça filisteia que esses dois estarão envolvidos.

Então, Sansão está meio que preparando o terreno para isso. Sansão, como sabemos pelas histórias que contamos sobre ele e pela leitura do texto bíblico, é um personagem muito interessante. Ele foi designado nazireu antes mesmo de nascer.

Os nazireus foram separados para fazer a obra de Deus e, portanto, ele foi chamado para isso. Sua mãe e seu pai são informados de toda essa missão que ele recebeu. O capítulo 13 é dedicado à visita do anjo do Senhor, que aparece primeiro à esposa de Manoá, mãe de Sansão, e depois, finalmente, ao próprio Manoá.

Os nazireus deveriam viver um estilo de vida bastante, digamos, rigidamente restrito. Não podiam entrar em contato com a morte, não podiam cortar o cabelo e também não podiam consumir nenhum produto da videira. Como podemos ver ao ler essas narrativas, Sansão conseguiu quebrar a maioria desses aspectos do voto, e, claro, o cabelo será a principal questão aqui.

Para os nossos propósitos, não vamos nos concentrar muito nisso, embora precisemos saber o contexto. O que queremos observar é que Sansão, que é da cidade de Zora, que fica aqui perto, pertence à tribo de Dan. Curiosamente, a área tribal de Dan recebeu originalmente um território entre esta planície costeira e a região montanhosa.

Parte da tribo de Dã irá migrar mais tarde no livro de Juízes, mas, de qualquer forma, eles estão aqui neste momento, e Sansão é de Zora. Observe que isso fica mais a leste do que Timna. Ali está Timna.

Diz que Sansão desceu a Timna e, claro, o que ele faz lá? Encontra uma mulher filisteia. Ele se deixa seduzir por essas coisas que parecem mais cosmopolitas, muito mais atraentes. Frequentemente, quando ensinamos a narrativa de Sansão, um dos pontos que queremos destacar é o quão ameaçador isso representa para cada indivíduo ao entrarmos em contato com coisas que parecem atraentes à primeira vista, e para Sansão, sua ruína continuou sendo a atração pelas mulheres filisteias.

A primeira era uma mulher de Timna. Quando ele desceu até lá, seus pais ficaram um pouco horrorizados, mas ele disse: "Tem uma mulher lá. Eu a quero."

Seus pais perguntam: "Por que você não pode se casar com uma boa moça judia, uma israelita?". Mas ele insiste, e então eles arranjam o casamento. Na providência de Deus, e claro, conforme avançamos no livro de Juízes, uma das coisas que vemos é que Deus, em Sua soberania, usa continuamente até mesmo a natureza pecaminosa das pessoas para realizar Seus propósitos, e isso certamente se aplica a Sansão, pois, embora ele seja seduzido por mulheres filisteias, o inimigo, à medida que essas narrativas se desenrolam, ele causa estragos entre os filisteus, pois acaba matando muitos deles. Ele amarra rabos de raposas, atea fogo neles e queima os campos de trigo dos filisteus, e há uma constante troca de favores aqui, e Sansão

também usa sua tendência à vingança, ou talvez eu devesse dizer que Deus usa a tendência de Sansão à vingança para trazer julgamento sobre os filisteus.

Então, é isso que acontece com esse primeiro conjunto de narrativas. O triste é que não só os filisteus são julgados, como também vemos, devido ao desenrolar da história dessa mulher filisteia, que ele a abandona. Há uma longa história no final do capítulo 14 que você pode acompanhar. Quando ele volta para procurá-la, descobre que ela foi entregue a um dos homens que o acompanhavam quando ele abandonou a causa. Mais tarde, como resultado de sua vingança contra os filisteus, sua ex-esposa e o pai dela são mortos por eles.

Há, portanto, alguns aspectos muito desagradáveis nessa história. Conforme Sansão continua a se aventurar em território filisteu, atraído por mulheres e pela cultura local, ele desce até Gaza, mais adiante na costa, além do que está indicado no nosso mapa, e lá encontra uma prostituta. Novamente, não é uma narrativa agradável, mas um dos detalhes que observamos em termos geográficos é que, quando os filisteus estão prestes a capturá-lo no meio da noite, ele se levanta, pega as portas, os portões e as trancas da cidade e os carrega até Hebron, o que não é tarefa fácil, pois Gaza fica ao nível do mar. Enquanto carrega esses objetos, ele sobe até Hebron, que está a cerca de 760 metros acima do nível do mar.

Assim, Sansão demonstra sua proeza física e a força extraordinária que lhe foi concedida, embora isso não sirva para muito além de demonstrar tal fato. Na verdade, não tem qualquer efeito contra os filisteus. De certa forma, podemos dizer que Sansão, talvez perto do fim da vida, começa a tentar voltar para casa, pois se afasta de Gaza, o lugar mais distante que já havia alcançado, tanto geograficamente quanto possivelmente espiritualmente, e retorna ao Vale de Surak. Ainda assim, ele mantém um caso com uma filisteia, desta vez chamada Dalila. Lemos a narrativa de Dalila e como ela o seduz e o importuna até que ele finalmente cede e revela a fonte de sua força. Os filisteus o encontram, cortam seu cabelo e o levam prisioneiro de volta para Gaza. Como vemos na narrativa de Sansão, mesmo em sua morte, uma morte horrível, no templo com o deus deles, ele diz: "Ó Deus, pelos meus olhos, que foram cegados!", em outras palavras, seu espírito de vingança, ele apela pela última vez. Deus usará isso para trazer a morte aos filisteus reunidos. naquele templo, naquele momento.

A vida de Sansão é, portanto, um enigma. É um enigma no sentido de Deus usar alguém tão egocêntrico, tão imerso em vingança, tão dominado por suas próprias paixões, e ainda assim Deus o usa. Ao observarmos o desenrolar dessa história no contexto geográfico, percebemos outro aspecto muito útil: o choque e o contraste cultural, mesmo em uma área geográfica muito pequena, entre os filisteus e os israelitas.

Prosseguindo, ainda permanecendo na região da Sefelá, embora tenhamos que nos deslocar um pouco para o norte para entender o contexto inicial desta história, teremos uma situação em 1 Samuel, capítulos 1 a 4, onde a Arca da Aliança, ou melhor, os capítulos 4 a 6, desculpe, a Arca da Aliança, que estava em Siló, bem aqui na região montanhosa, é isolada, protegida e defensável, o lugar perfeito para a Arca, a Arca de Deus, que, claro, representa a Sua presença no meio deles. Aqui está ela, em um local protegido, em Siló, sob a administração do sumo sacerdote Eli, mas, como observamos, ocorre uma grande incursão. Se você seguir as setas aqui, verá os filisteus que subiram até Afeque, onde a junção do ramo ocidental de nossa rota costeira internacional se encontra com o ramo oriental, e há uma razão para isso.

Se você olhar para Afeque e depois para Yarkon aqui, verá o rio Yarkon. Portanto, não seria fácil para as tropas ou estabelecimentos comerciais atravessarem o rio, e por isso teriam que chegar a Afeque. Isso significa que controlar Afeque era crucial, e por isso os filisteus estavam acampados lá. Haveria uma grande batalha, ou melhor, uma série de batalhas, entre os filisteus em Afeque e os israelitas em Ebenézer. Esse é o contexto desta narrativa e, como vocês devem se lembrar, principalmente depois de perderem a batalha para os filisteus, os israelitas disseram: "Bem, se tivéssemos a Arca aqui conosco, as coisas teriam corrido muito melhor". E, claro, o que estamos vendo aqui é o que coloquei entre parênteses acima, que é a redução do senso de santidade e da presença majestosa e imponente de Deus representada na Arca, e então o abuso dela, presumindo que poderiam usá-la como uma espécie de objeto mágico e destruí-la, e presumindo que isso lhes garantiria a vitória na batalha.

Claro, isso é pura presunção, e de fato eles perdem a batalha na região de Afeque e Ebenézer. Um grande confronto ali, os filisteus capturam a Arca, que é levada primeiro para as cidades filisteias de Asdode, depois para Gate e, finalmente, para Ecrom. E, claro, lembrando dessas narrativas, primeiro ela é levada para Asdode, o centro da cultura filisteia. Lá, ela é depositada no templo, e, obviamente, isso é uma declaração que significa: nosso Deus é melhor que o seu Deus.

Ele agora está alojado na casa de nosso Deus, Dagom, mas, como lemos nessa narrativa, Dagom cai e se despedaça, demonstrando assim que a Arca da Aliança representa o Deus dos israelitas, que é, obviamente, soberano e superior. Além disso, os filisteus estão sofrendo com surtos terríveis, e por isso, desejam mais do que tudo se livrar desse objeto em particular. Eles o enviam primeiro para Gate e depois para Ecrom.

Note que está se movendo lentamente em direção a casa, por assim dizer. Cada uma dessas cidades sofre um surto do mesmo tipo de problema, e nesse momento eles consultam seus sacerdotes e adivinhos, que dizem: "O que devemos fazer aqui, afinal?". E, claro, esses sacerdotes e adivinhos têm uma percepção muito interessante do que esse Deus dos israelitas exige, porque sabem o suficiente para dizer: precisamos enviar de volta com uma oferta de expiação. E assim eles fazem.

Para os nossos propósitos geográficos, o importante aqui é que, partindo de Ecom, bem aqui, a Arca da Aliança segue pelo Vale de Zoreque, passando por Timna, o lugar que mencionamos antes. Ela contorna uma pequena curva e chega a Bete-Semes. E, como vocês podem imaginar, o povo de Bete-Semes, os israelitas que lá viviam, habitavam uma região bastante fronteiriça, certo? Porque Bete-Semes estava aqui, era onde Zora ficava quando a tribo de Dã e Sansão habitavam a região.

Então, aqui está a fronteira, o limite. E eles estão bem perto, observando a Arca subindo o Vale de Zoreque em uma carroça. E, como lemos na história, os filisteus dizem: se aquela carroça, puxada por vacas com bezerros no estábulo, continuar em linha reta, então saberemos que esta é a Arca do Senhor.

Agora, uma última coisa que provavelmente precisamos observar em relação a essa história em particular é que, ao chegar em Bete-Semes, o povo de Deus ali tinha menos noção da sacralidade e da santidade da Arca do que os filisteus, porque eles a abriram, espiaram dentro dela, e isso teve efeitos muito prejudiciais ao seu bem-estar. Vários deles foram mortos. Mas pelo menos isso nos dá uma ideia da geografia e de como as coisas funcionavam, porque a região montanhosa, repito, é defensável, muito fácil de proteger, isolada, um lugar onde a Arca deveria ter permanecido, já que todo o povo iria adorá-la.

Mas, em vez disso, ela chegou até aqui. Mesmo assim, Deus dará um jeito de trazê-la de volta, ou o povo conseguirá que ela retorne por meio dos filisteus, que a enviarão de volta. Vamos deixar isso de lado e seguir mais para o sul.

Estamos saindo do Vale de Sorek e entrando no Vale de Ela, um passo mais ao sul. E, novamente, uma lição que queremos destacar, e que provavelmente lembramos bem de nossas aulas de catecismo, é a de Davi, um jovem de baixa estatura, que já havia sido ungido rei, mas Saul ainda era o rei de fato, e Davi entraria em conflito com Golias, nosso gigante. Para entendermos melhor essa narrativa, é útil termos uma noção da geografia do local.

Primeiramente, aqui está Belém, bem no meio das colinas, para onde a flecha está apontando. Davi é de Belém. O pai de Davi está lá.

Na verdade, Davi estava pastoreando as ovelhas enquanto seus irmãos estavam com o exército israelita, e Saul estava tentando conter o avanço filisteu porque, novamente, o Vale de Ela seria uma das rotas que os filisteus usariam para chegar à região montanhosa perto de Belém. Por que a região montanhosa era tão atraente para eles? Bem, por um lado, como eu disse antes, ela é agrícola e produtiva. É lá que se encontram vinhas e vinhedos maravilhosos, que produzem ótimos frutos.

Oliveiras. Vocês têm oliveiras na Sefelá, mas não são tão produtivas quanto nas regiões montanhosas. Portanto, essa seria uma área muito atraente para os filisteus, por esse motivo, e não menos importante, porque controlá-la também é importante para eles.

Portanto, não é de todo surpreendente que o pai de Davi, Jessé, esteja interessado em enviar Davi para a área onde a batalha ou o impasse está ocorrendo para ver como os irmãos estão, pois Belém ficará bastante vulnerável se essa linha for rompida. Assim, as forças israelitas estão protegendo os assentamentos nas colinas. Os filisteus estão acampados entre Soco e Azeca, bem ali.

Não sei exatamente onde os israelitas estão nesse meio tempo, mas provavelmente é em algum lugar bem na divisa entre a região montanhosa e a área da Sefelá. E, como dissemos há pouco, há um impasse. Saul é quem deveria estar lutando.

Aprendemos com as narrativas que Saul era uma pessoa muito mais alta que todos os outros israelitas. Então, se pensarmos em como essa narrativa se desenrola, Golias é grande, e deveria ter sido Saul quem o enfrentou, mas ele não se apresentou quando Golias lançou o desafio que dizia: "Que alguém saia e lute comigo". Saul não se apresentou.

Davi aparece. Seus irmãos estão zangados com ele, mas, mesmo assim, ele logo descobre qual é o problema. Ele pega cinco pedras e aniquila os filisteus.

E uma das coisas que ele diz é que é a mão de um Deus vivo que cuidará disso. E Deus, desculpe, Davi se refere a Deus consistentemente como o Deus vivo ao longo desta narrativa, e ele enfrenta Golias nesse contexto. Se olharmos para a situação no terreno, por assim dizer, estamos no local de Azeca e olhando para o leste.

Então, aqui estamos. O Vale de Elá faz uma espécie de curva acentuada, assim, e depois sobe nesta área aqui. Podemos ver, olhando para aquela pequena antena parabólica, que isso pode dar uma ideia de onde o exército israelita estava posicionado e onde ocorreu esse confronto.

No horizonte, vemos a região da Judeia, e então você vê aquela longa crista lá embaixo, e Belém estaria mais ou menos nesta área aqui. Então, se estivermos em Azeca, e se Soco for esta colina aqui, então você tem o exército filisteu ao redor deste trecho específico do vale. Você tem israelitas acampados aqui, e assim você pode ter uma boa ideia de onde esse confronto ocorreu e onde Davi finalmente derrotou Golias.

À medida que os filisteus começam a fugir, eles saem correndo do vale de Elá e, segundo o relato, fogem até Gate, movendo-se para oeste. Portanto, nesse ponto, os israelitas ganham um pouco mais de espaço na zona de amortecimento entre eles e

os filisteus na planície costeira. Isso encerra, por ora, nossa primeira área de confronto entre Israel, o povo de Deus, e as influências estrangeiras, particularmente naquela área da planície costeira filisteia. Analisamos três narrativas que nos dão algumas ilustrações disso. Os problemas, aliás, não param por aí com os filisteus.

Eles ainda estão lá, mas vamos deixá-los e seguir para o norte neste ponto para entender um pouco do que acontece mais tarde, durante a monarquia dividida, entre o reino do norte e a ameaça da Fenícia. Então, vamos ver como isso funciona. Após a divisão do reino, surgem várias dinastias.

Eles não duram muito tempo. Finalmente, você tem um general e um exército cujo nome é Omri, e as coisas têm estado um pouco instáveis até este ponto em termos de localização da capital, mas Omri muda sua capital para Samaria. Ela estava na área de Siquém, primeiro, depois foi para Tirza por um tempo, meio que se mudou para cá por um curto período, mas ele vai transferi-la para Samaria.

Isso é extremamente significativo. Não parece no mapa, mas uma das coisas que nos ajuda quando analisamos a geografia é perceber que, na verdade, ao se deslocar essa pequena distância para o oeste, Omri está basicamente abrindo os braços e abraçando mais a cultura ocidental. Samaria é uma área muito mais aberta.

Do nosso ponto de vista, não faz muito sentido, porque, como já dissemos, nos deslocamos com muito mais facilidade por terra, de carro, barco e tudo mais, se estivermos no oceano. Não é o caso nesse contexto. Portanto, se você tem uma área mais aberta, baixa, com sopé de montanhas e relevo ondulado, essa área será muito mais acessível.

Assim, Onri está fazendo um movimento intencional para atrair influências ocidentais. E, claro, qual será a principal influência ocidental? Será a Fenícia. O filho de Onri, Acabe, se casará com uma princesa fenícia cujo nome é, obviamente, Jezabel.

E juntos, Jezabel e Acabe fazem algo realmente insidioso. Aliás, é pior do que isso. É uma traição flagrante à religião do reino do norte.

Já após a divisão do reino, Jeroboão havia introduzido o culto ao bezerro de ouro e outras práticas semelhantes, mas isso ao menos tentava criar uma aparência de adoração a Javé. Agora, com Acabe e Jezabel, eles praticamente introduziram o culto a Baal. Baal já existia desde o profeta Elias, por volta de 654 a.C., para contestar o culto a Baal que vinha da região fenícia.

Novamente, Tiro e Sidon são nossas principais cidades. E, claro, o que é realmente interessante é que teremos o Monte Carmelo aqui como nosso principal, digamos,

ponto de partida para isso. Eu já mencionei que o culto a Baal é uma religião oficial do Estado.

E quando você pensa na Fenícia ao norte, fora do nosso pequeno mapa aqui por enquanto, e pensa em Samaria, por causa das ameaças políticas da Síria, que veremos um pouco mais adiante, e também na Fenícia, embora houvesse tribos que receberam terras nesta área como herança, a tribo de Aser aqui, na verdade, o povo da Fenícia havia praticamente se deslocado para o sul. E, portanto, o Monte Carmelo, uma cadeia de montanhas consideravelmente alta aqui, tornou-se praticamente a fronteira, a fronteira geopolítica entre a Fenícia e este reino do norte de Israel. Isso se tornará significativo, e então precisaremos falar mais sobre como é o Monte Carmelo, mas pense também na fronteira política.

Então, politicamente, ficará bem próximo do território de Baal. Também ficará próximo do território de Baal em outros aspectos. Basta dar uma olhada rápida em algumas áreas da própria Samaria.

Mais tarde, toda essa seção da Acrópole de Tell de Samaria fica repleta de templos e importantes residências reais. Se tivéssemos tempo, examinaríamos o Templo de Herodes dedicado a Augusto e suas implicações. Ali está o fundamento de tudo.

Mas, para os nossos propósitos, e creio que já vimos isso na última vez, quando analisamos a arena central, estamos interessados nesta área da cidadela israelita porque foram feitas algumas descobertas muito interessantes que indicam a opulência da realeza do reino do norte. Muitas peças de marfim fenício, importadas, foram encontradas aqui. Isso nos dá a impressão de que eles realmente adotaram a cultura fenícia, inclusive pelos vestígios artísticos que ali se encontram.

Bem, como eu disse há pouco, devido a essa situação de adoração a Baal estar tão profundamente enraizada por Acabe e Jezabel, Deus levanta Elias. Em 1 Reis 17, vemos sua entrada em cena de forma bastante dramática. O próprio nome Elias é importante.

Você vê na última parte a forma abreviada de Yahweh, e então Eli é meu Deus. Então, mesmo no nome de Elias, ele está reunindo o significado de Deus como Senhor da aliança. E, claro, o próprio povo, uma vez que Elias demonstra o poder de Deus sobre Baal, o povo que estava indeciso dirá: "O Senhor, ele é Deus."

O Senhor, ele é Deus. Mas vejamos como isso funciona geograficamente. Se observarmos este promontório do Monte Carmelo, que se projeta para o Mar Mediterrâneo, notaremos que, geologicamente, ele possui um tipo de rocha que se decompõe, ou melhor, se deteriora, transformando-se em solos férteis, solos maravilhosos ali em cima.

Além disso, recebe mais chuva por estar em uma altitude mais elevada, sendo, portanto, um local privilegiado para um crescimento exuberante e bonito. Isso é importante. E uma das coisas que vemos ao irmos além da nossa narrativa em 1 Reis e analisarmos alguns dos textos proféticos é que, quando Deus traz juízo sobre o seu povo, Amós e Naum mencionam isso: o topo do Carmelo murcha.

Quando o topo do Monte Carmelo seca, as coisas ficam feias, porque essa área, normalmente, é muito fértil e produtiva. Se o topo do Carmelo está secando, há julgamento. E, claro, esse será o caso em nossa situação com Elias, porque não chove há três anos e meio, conforme a palavra de Elias, que falava em nome do Senhor.

Agora, como podemos ver o desenrolar dessa história, Elias, antes de tudo, foi para o leste e depois adentrou o próprio território do culto a Baal, escondendo-se na Fenícia por um tempo, o que também foi uma afronta a Baal. Quando ele retornou, e o confronto entre os profetas de Baal e, de um lado, o profeta Elias, do outro, foi marcado, este pediu que acontecesse no Monte Carmelo, e de fato, era um cenário perfeito. Uma das razões para isso é que Baal era o deus da tempestade e do trovão, e, portanto, da chuva e da produtividade agrícola.

E toda a ideia de fertilidade foi reforçada na mente das pessoas à medida que se envolviam na adoração a Baal, através do ato sexual entre Baal e sua consorte, que supostamente produzia fertilidade, chuva e outras coisas do gênero. Portanto, era uma situação de adoração muito repugnante que estava acontecendo ali. Novamente, Elias está confrontando isso, e este é um momento crucial, pois o Monte Carmelo fica bem próximo ao Mar Mediterrâneo, e as nuvens estão prestes a se aproximar do Monte Carmelo.

Portanto, tudo está acontecendo no território de Baal. Uma das coisas que notamos ao ler essa narrativa é que os profetas de Baal e Aserá estão se esforçando ao máximo para que Baal responda. Ele não responde.

E, finalmente, Elias, após três anos e meio sem chuva, pega água, derrama-a sobre seus sacrifícios e então invoca fogo do Senhor, que de fato consome as ofertas. Mas, é claro, essa não é o fim da história. De acordo com os regulamentos e a Torá em Deuteronomio 13, esses profetas que haviam desviado o povo de Deus deveriam morrer.

Portanto, Elias diz: levem-nos ao ribeiro de Quisom e ali sejam mortos. E, claro, bem ao nordeste, aqui mesmo, drenando todo o vale de Jezreel, está o ribeiro de Quisom, que deságua no Mar Mediterrâneo. De certa forma, pode-se querer ir um pouco além, simbolicamente, e dizer que, ao derramar o sangue daqueles profetas, toda a sujeira que fazia parte da situação no reino do norte será purificada.

A degradação fazia parte disso. A água era levada para o mar. E, claro, o interessante é que Elias permanece na montanha por um tempo.

Enquanto ele orava e seu jovem servo observava, nuvens se formaram no Mar Mediterrâneo, trazendo uma grande tempestade. E Deus, de fato, enviou a chuva. Acabe correu para Jezreel.

Eu diria que Acabe leva sua carruagem para Jezreel. Elias correrá atrás dele. Naquele momento em Jezreel, Jezabel ainda era uma força importante.

E Elias está com medo. Então Elias correrá para salvar sua vida. Mas ele vai na direção certa.

Ele voltará ao Monte Sinai. Irá à fonte da aliança, o Monte Horebe, o Monte Sinai, o mesmo local. E lá se encontrará com Deus.

E Deus dirá: "Sabe, ainda existem aqueles que não se curvaram a Baal, e ainda tenho três coisas para vocês fazerem." Isso traz uma certa sensação de conclusão. Aliás, uma dessas coisas é ungir o profeta Eliseu, sobre quem falaremos um pouco mais adiante .

Portanto, não perca de vista essa conexão. Eliseu assumirá o manto profético de Elias. E ele também terá, pelo menos durante parte de seu ministério, uma base no Monte Carmelo.

Algumas coisas interessantes que podemos observar em termos de paisagem, por assim dizer. Há um pequeno e encantador mosteiro carmelita no topo do Monte Carmelo para comemorar isso, e uma estátua de Elias. E não é uma estátua plácida e pacífica.

Aqui está Elias cuidando dos profetas de Baal. Aqui embaixo, temos o riacho Key Shone, que fica na base, bem ao lado da estrada principal, na base do Monte Carmelo. E, finalmente, temos uma vista da baía ao norte do Monte Carmelo, a Baía de Acre, de todo o nosso promontório que se projeta para o Mar Mediterrâneo, apropriadamente envolto por nuvens de chuva bastante significativas neste momento.

Vamos deixar de lado a ameaça da Fenícia, ou a contestação da influência estrangeira no oeste, e nos voltarmos brevemente para o leste, para ver o que acontece na frente oriental. Primeiramente , vamos dar uma olhada rápida no mapa, lembrando que aqui temos Damasco e, portanto, nossas influências sírias estão presentes. Aqui está a remota Gileade , aliás, e eu gostaria de falar um pouco mais sobre ela.

Remoto significa lugar alto, e, portanto, este é um local elevado. Gileade é esta região maior aqui, então este é o lugar alto de Gileade e, na verdade, um local estratégico importante para se manter. Por quê? Bem, a sugestão é que, vindo do sul, através da remota Gileade, está a Rodovia Transjordânia, que segue até Damasco, que, obviamente, é um centro para todos os tipos de tráfego que se deslocam da Mesopotâmia para esta região.

Então, nossa Rodovia Transjordânia está passando bem aqui. Ela será importante para o comércio, para as atividades militares e, neste ponto, teremos um importante cruzamento. Lembrem-se, mencionamos um cruzamento em Gezer, aqui embaixo.

Aqui está uma encruzilhada que trará uma rota principal para Israel e se conectará além de Jezreel com nossa rodovia costeira. Portanto, a remota Gileade é fundamental para a nossa sobrevivência. O povo da Síria sabe disso, o povo de Israel sabe disso.

Portanto, mais uma vez, trata-se de uma localização muito importante entre a Síria e Israel. Damasco vai querer controlar a remota Gileade, e haverá uma série contínua de batalhas entre as forças dos arameus ou sírios de Damasco e o povo do reino do norte da Samaria. Eles lutarão na remota Gileade.

E, novamente, só para reiterar, é significativo manter essa posição, conquistar esse ponto de apoio no lado leste do Jordão. Vamos analisar duas narrativas. Vamos fazer uma de cada vez.

O primeiro ponto é importante porque nos conecta novamente com Acabe. Já falamos sobre Acabe em relação a Jezabel e aos profetas de Baal. Acabe continua sendo rei no reino do norte.

E como lemos em 1 Reis 22, em determinado momento, ele estabelece uma aliança com o rei do sul, Josafá. Uma narrativa fascinante. Essa aliança não foi bem vista por Deus, que falou por meio de seus profetas, mas, mesmo assim, Josafá, naquele momento, pensa em ajudar Acabe.

Vou deixar os detalhes dessa narrativa de lado, pois ela apresenta algumas questões teológicas bastante interessantes, e simplesmente observar que ela se passará na região remota de Gileade. É por isso que eles estão lutando para manter o controle. Uma das coisas que vemos é que um profeta disse a Acabe que ele encontrará a morte ali.

Contudo, Acabe, rejeitando completamente essa palavra, vai lutar mesmo assim, e pensa que pode enganar a Deus disfarçando-se e fazendo com que Josafá se faça passar pelo rei. Mas, como você verá na narrativa, Acabe perderá a vida quando

alguém atirar nele, entre aspas, aleatoriamente. E Josafá, embora inicialmente perseguido pelos sírios, diz: "Não sou eu quem vocês procuram".

E assim ele escapará com vida. O segundo exemplo que queremos observar, em termos de um confronto no remoto local de Gileade, ocorre um pouco mais tarde na história de Israel. Temos Jeú, que será como um predecessor de Onri, um comandante do exército.

Onri era um comandante que se tornou rei. Jeú também era um comandante do exército que foi ungido rei. E ele foi ungido rei enquanto lutava na remota Gileade.

Portanto, isso nos dá uma indicação da importância absoluta desse local específico para os israelitas. Muitas coisas acontecem em relação à narrativa de Jeú. Depois de ser ungido, descobre-se que as principais forças ali presentes, o rei do reino do norte naquele momento, chamado Jorão, e seu parente, Acazias, do sul, estavam descansando em Jezreel, porque Jorão havia sido ferido.

Então Jeú está lá na linha de frente, lutando. Ele é ungido por um profeta, um profeta cujo nome não é revelado. E então ele marchará para Jezreel.

E nesse momento, ele vai se livrar, ou melhor, eliminar, o restante da família de Acabe. E esse é o julgamento que recai sobre Acabe, conforme Deus havia decretado anteriormente. Há muito mais a dizer sobre isso, mas precisamos prosseguir.

Então, uma última área onde os israelitas, e agora estamos falando dos judeus, já que estamos falando do período do Novo Testamento, e dos cristãos também, entrariam em contato com influências estrangeiras. Vejamos a Cesareia romana. Primeiramente, um mapa para nos dar uma ideia.

Neste ponto, estamos falando da planície costeira, e não da planície filisteia. Agora, vamos nos referir à porção da planície costeira conhecida como Planície de Sharon. Herodes, o Grande, foi a principal força por trás da fundação de Cesareia.

E reparem que leva o nome de César. Então Herodes, claro, que foi coroado rei pelo Senado Romano, demonstra repetidamente sua lealdade, em seus projetos de construção, ao povo a quem devia seu reinado. Falaremos mais sobre Herodes um pouco mais adiante, quando abordarmos a Galileia, mas, por ora, basta dizer que uma das coisas que Herodes fez como rei fantoche de Roma foi construir muito, muito, muito.

A família de Herodes tinha dinheiro. Eles tinham dinheiro, mas não podiam, como a maioria dos reis, gastá-lo em guerras, porque ele era um rei fantoche. Mas Herodes vai investir em projetos de construção.

A terra de Israel está repleta de vestígios dos projetos de construção de Herodes. E poderíamos dizer, se quisermos extrair alguma lição disso, que Herodes estava construindo seu reino. Podemos ver isso repetidamente .

Muito ocupado construindo seu reino. Claro, a pergunta que devemos sempre nos fazer é: de quem são os reinos que estamos construindo enquanto trilhamos nosso caminho na vida? Falarei mais sobre isso daqui a pouco. Mas Herodes está construindo o seu reino.

Cesareia será um ponto crucial em toda essa situação. Como vocês sabem, por terem assistido à palestra sobre Jerusalém, Herodes construiu um grande complexo de templos em Jerusalém. Ele também ergueu fortalezas por toda parte.

Como veremos, ele terá um templo na Galileia. Mas Cesareia é fundamental para ele, pois a considera o ponto de acesso para levar a cultura romana ao que Herodes percebia como uma região praticamente atrasada. Ele vê a Judeia como um lugar atrasado.

Assim como Sansão, ele também foi atraído por uma cultura muito cosmopolita. E ele quer desenvolver Cesareia para trazer essa cultura romana e elevar o nível da Judeia ao que ele considera ideal. Então, ele começa praticamente do zero.

Naquela época, era uma pequena cidade chamada Stratos Tower. Josefo nos conta isso. Mas Herodes a reconstrói do zero.

Ele constrói um templo para Augusta, um teatro e aquedutos para abastecer de água. É um local importantíssimo. Mas o ponto principal a ter em mente é, como já mencionei, que sua intenção é levar cultura para o interior.

Na providência de Deus, temos uma reviravolta de 180 graus, pois é de Cesareia que o evangelho se espalhará por todo o Mediterrâneo e pelo Império Romano. Ao analisarmos Cesareia, devemos também pensar um pouco em Herodes Agripa, descendente de Herodes.

Após a morte de Herodes, alguns de seus filhos assumiram o poder: Herodes Antipas, Herodes Filipe e Arquelau, no sul. Mas, depois disso, Agripa voltou a reinar por um breve período.

E haverá um incidente em Cesareia que analisaremos com um pouco mais de detalhes, comparando o que o Livro dos Atos diz com o que Flávio Josefo nos conta sobre Herodes Agripa. Então, Cesareia, vamos dar uma olhada rápida e, mais uma vez, nos perguntar qual a lição que queremos aprender com isso, enquanto observamos essas ruínas e vestígios. De quem estamos ocupados construindo

reinos? Aqui está um pequeno diagrama de como provavelmente era a Cesareia de Herodes, um esboço.

E vamos analisar alguns aspectos disso. Mencionei o templo, em primeiro lugar . Aqui está o templo de Augusto e Roma que Herodes construiu.

E uma das coisas que notamos é que está orientada para o oeste. Aliás, tudo o que nos restou dela são os alicerces. Portanto, esta é uma reconstrução hipotética.

Mas orientada para o oeste porque, como Herodes queria que os habitantes de Cesareia a concebessem, esta cidade tinha como foco seu patrono, Roma. E, segundo a concepção dele, o Mar Mediterrâneo era um lago romano. Ora, bem ao lado daquele templo havia um porto enorme.

Herodes construiu um porto. Vamos ver pequenos fragmentos dele ao observarmos uma fotografia aérea, pois foi possível escavar essa área e constatar a dimensão gigantesca desse porto. É imenso.

Embora possa ser um exagero, creio que foi Flávio Josefo quem disse que o exército romano, ou melhor, a frota romana, podia de fato repousar neste porto. A entrada do porto fica aqui em cima, e com razão, pois os ventos predominantes vêm do sudoeste, permitindo a entrada por este lado. Duas enormes estátuas ficavam sobre pilares neste local.

Algumas pessoas sugerem que Herodes provavelmente estava tentando imitar o porto de Alexandria, que também possuía um farol notável. Há alguns outros detalhes a serem observados que analisaremos a seguir. Além dessa estrutura portuária , que foi uma empreitada monumental, também encontramos na Cesareia de Herodes um palácio construído em um promontório que se projeta diretamente para o Mar Mediterrâneo.

Que palácio notável. Aparentemente, era possível entrar de barco por ali, sem precisar passar por terra. Provavelmente, a sugestão é que eu não me lembre de ter estado preso em Cesareia.

Teria sido nesta área geral, nesta área do palácio. Também queremos observar que Herodes tinha um hipódromo e fundou um teatro, que foi ampliado posteriormente no século II. Bem, vamos dar uma olhada nisso.

Ao observar a linha costeira na década de 1970, você verá a área remanescente do porto. Há um quebra-mar bem ali, bastante pequeno. Mostrarei uma imagem aérea em instantes, que dará uma ideia do tamanho relativamente pequeno da área, em contraste com o Porto de Herodes.

Bem aqui é onde o anfiteatro foi escavado posteriormente . Vamos destacar alguns pontos aqui. E aqui está o promontório onde o palácio foi encontrado.

Muitas escavações arqueológicas foram realizadas desde a década de 1970 , e muita coisa foi descoberta. Vamos dar uma olhada em algumas delas. Aqui está o nosso quebra-mar moderno.

Então, se você pensar naquele slide anterior, era isso que estávamos vendo. Visto de cima, ainda é possível ver os restos do enorme quebra-mar e da entrada do porto aqui e, claro, o lado norte disso. Deixe-me falar um pouco mais sobre isso, embora estejamos com pouco tempo.

Herodes tinha uma nova tecnologia. Ele e seus engenheiros haviam aprendido a despejar cimento debaixo d'água. Era uma espécie de receita.

Eles usaram pedra-pomes e uma espécie de cascalho, e o que fizeram foi afundar formas ali, despejar esse material, que era denso o suficiente para endurecer de forma notável ao chegar à água, formando um cimento subaquático. Josefo pensou que fossem enormes blocos de pedra que haviam sido afundados, mas, à medida que os arqueólogos começaram a trabalhar ali embaixo d'água, descobriram o que realmente era. Então, temos aqui esse quebra-mar extraordinário.

Ele também projetou o porto com uma espécie de parede interna e externa, de forma que nunca precisasse dragá-lo. O lodo, que seriam as correntes predominantes, viria do sudoeste. O lodo passaria por fendas nessa parede externa, alojando-se em uma espécie de estrutura central, quase como uma casamata, e então o próprio porto manteria sua profundidade sem precisar ser dragado.

Um avanço incrível, simplesmente incrível. Aqui estão , aliás, os alicerces. Esta é uma imagem muito rudimentar, mas são os alicerces do Templo de Augusto.

Aqui também podemos ver o anfiteatro. Ele foi escavado. Esta é apenas a metade leste dele.

Mais tarde , foi separada pelos ataques do mar . Mas, para os nossos propósitos, queremos simplesmente mencionar o palácio no promontório, e depois, finalmente, o nosso teatro, e queremos fazer uma breve menção a algumas descobertas feitas nesses dois locais.

Antes de mais nada , preciso dizer que uma das coisas que Cesareia não tinha era uma fonte de água potável. Então, Herodes e, mais tarde , os romanos, à medida que a cidade se expandia, trouxeram água das encostas do Monte Carmelo. E este aqueduto é o aqueduto de nível superior.

Existe também um aqueduto de nível inferior que trazia água, água suficiente para alimentar ou abastecer as pessoas. Na área do palácio no promontório, temos uma descrição, ou melhor, uma descrição e uma inscrição que foram encontradas. Na verdade, eu deveria dizer isso de outra forma.

Isso não foi encontrado na área do palácio no promontório. Agora podemos ver uma réplica dele naquele local. Mas isso é significativo porque o que vemos aqui, se olharmos com muita atenção, é Tiberium bem aqui, e aqui está Pilatos.

Esta inscrição é frequentemente chamada de Inscrição de Pilatos porque vemos claramente uma menção ao nome de Pilatos. O IUS de Pôncio está bem aqui, mas Pilatos também o mencionou ali. E uma descoberta muito útil, creio eu, feita no final da década de 1960, que nos dá a entender que, ao escrever seu evangelho, Lucas acertou os nomes.

De qualquer forma, só um detalhe: Tiberium é um templo dedicado ao imperador Tibério. Vamos falar um pouco mais sobre o teatro. Trata-se de uma reconstrução.

Se você olhar com bastante atenção, poderá ver pequenos pedaços das pedras originais bem aqui, nas arquibancadas, e alguns bem ali embaixo. Este teatro é usado regularmente hoje em dia, e, na verdade, além desta fotografia, há também um enorme palco que foi reconstruído. Mas, como eu gostaria de mencionar, os teatros eram como outdoors na antiguidade.

Se você quisesse veicular qualquer tipo de propaganda política, não colocava um outdoor; ia ao teatro. E, portanto, muita propaganda acontecia no teatro. Vejamos apenas um pequeno incidente que ocorreu ali.

Em Atos, capítulo 12, encontramos Herodes, mais especificamente Herodes Agripa. No dia marcado, Herodes, trajando suas vestes reais, sentou-se em seu trono e fez um discurso público ao povo. E, sem dúvida, isso é notável.

Ele é o rei. Estão todos reunidos ali, talvez porque seja obrigatório. Gritaram: "Esta é a voz de um deus, não de um homem."

Imediatamente, como Herodes não louvou a Deus, um anjo do Senhor o feriu, e ele foi devorado por vermes e morreu. Vemos, portanto, uma breve menção disso na narrativa dos Atos dos Apóstolos, e depois encontramos a mesma informação em Flávio Josefo. Talvez um pouco resumida, então também lerei essa parte.

Quando Agripa, isto é, o nosso Herodes Agripa, reinou três anos sobre toda a Judeia, chegou à cidade de Cesareia e lá apresentou espetáculos em honra de César. Verdadeira propaganda. No segundo dia, vestiu uma roupa feita inteiramente de prata, de uma textura verdadeiramente maravilhosa, e entrou no teatro de manhã

cedo, numa altura em que, aliás, o momento foi bastante oportuno, o que provavelmente não foi por acaso, altura em que a prata da sua roupa, iluminada pelo reflexo dos raios solares, brilhou de forma surpreendente e tão resplandecente que causou espanto em todos os que o observavam atentamente.

E logo em seguida, seus bajuladores gritaram que ele era um deus. Diante disso, o rei não os repreendeu nem rejeitou sua ímpia bajulação. Mas, ao olhar para cima pouco depois, viu uma coruja e imediatamente compreendeu que aquela ave era mensageira de más notícias.

Uma dor aguda o atingiu no ventre. Ele foi levado para o palácio, e o boato se espalhou por toda parte de que certamente morreria em pouco tempo. E depois de cinco dias debilitado pela dor abdominal, ele partiu desta vida.

Curiosamente, temos duas perspectivas sobre a situação de Herodes Agripa naquele teatro em particular. O que também vemos, e isso encerrará nossa análise de Cesareia, como mencionei anteriormente, é que a intenção de Herodes era introduzir a cultura romana e moldar o que ele considerava um povo provinciano e atrasado. O propósito de Deus é usar Cesareia como ponto de partida.

Começa com Pedro e Cornélio. Cornélio, um centurião romano, estava estacionado ali. Pedro enviou um mensageiro para ministrar a ele, e vemos um gentio se tornando um crente.

Essas são as sementes que são plantadas. Paulo está preso lá e, de lá, claro, é enviado a Roma. Mas, antes disso, Cesareia também se mostra significativa como ponto de partida para o evangelho.

Não se limita às narrativas do Novo Testamento, pois, durante o início do período bizantino, Cesareia se torna um local de extrema importância para os pais da Igreja. Basta dar uma olhada rápida em uma pequena porção da Síria bizantina, ou melhor, em Cesareia. Era um lugar opulento, pois era um centro importante para pais da Igreja como Orígenes, originário de Alexandria, e também para Eusébio.

E isso não é nenhuma surpresa. Como lemos no livro de Atos, o evangelho chegará aos confins da terra. E, para lembrar, vindo de Cesareia, o evangelho de fato se espalhou para o oeste.

Na próxima aula, falaremos sobre Jesus na Galileia.

Esta é a Dra. Elaine Phillips, em sua primeira aula sobre geografia histórica das planícies e da Sefelá de Israel. A Dra. Phillips e seu marido, Perry, lecionam há muitos anos na Faculdade Universitária de Jerusalém, bem como no Gordon College.